

Jogando Bingo

Oferece uma sugestão de jogo didático que pode movimentar sua aula, motivando seus alunos para o estudo da Matemática. 3.ª capa

12-14	17-17
17-20	22-22
27-30	35-35
40-40	45-45

A gente

Revista A gente n.º 1
Ano 1º Outubro 1984
Informativo dirigido aos
agentes de educação de
adultos do Mobral.

Quem é o adulto analfabeto?



Este artigo procura aproximar você do aluno adulto com quem você trabalha. Página 4

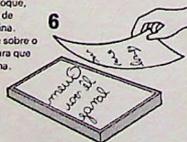
Participação



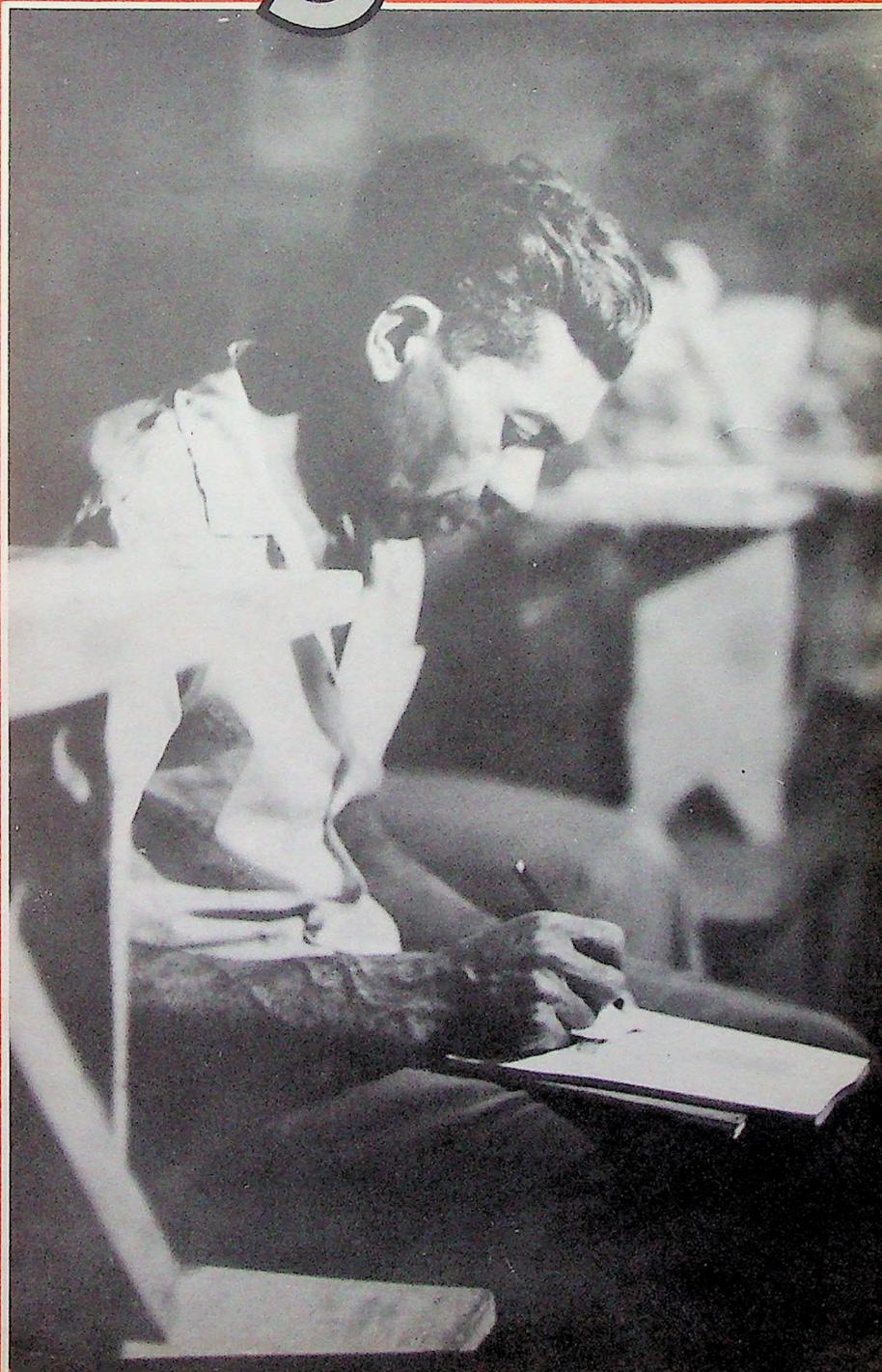
Pensando com você em como envolver mais a comunidade nas ações educativas. Página 8

Meios e métodos

Para tirar as cópias, coloque, de cada vez, uma folha de papel em cima da gelatina. Passe a mão levemente sobre o papel e retire-o logo, para que ele não grude na gelatina.



Apresenta uma sugestão prática para auxiliá-lo em seu trabalho. Página 10



Agente

Você está recebendo, agora, o primeiro número da Revista de Educação de Adultos.

Esta revista é feita por nós e para nós. Por isso, é tão importante a sua opinião e participação.

Escreva-nos.

Aguardamos seu recado!

A equipe da revista

Agente Agente Agente

Agente

Revista Agente nº 1 Ano 1 Outubro 1984
Informativo dirigido aos agentes de educação
de adultos do Mobral.

Fundação Movimento Brasileiro de
Alfabetização – Mobral

Rua da Alfândega, 214 – CEP 20070
Rio de Janeiro – RJ

Agente

Editada pelo Departamento
Técnico-Educacional
Produzida e Impressa pelo Departamento
de Comunicação

Supervisão

Jane Paiva
Lygia Marina Pires de Moraes
Sonia Kritz

Colaboração

Alda Maria da Glória Lessa Bastos
Anna Maria Gonçalves Weigel
Carmem Luíza B. de Andrade
Josmar Braga Martha
Lizzie Murtinho
Maria Clara Lanari Bó
Maria Leonor de Macedo Soares Leal
Margarida de Souza Queiroz
Mário Élber dos Santos Cunha
Miguel Farha Neto
Solange Jobim e Souza
Sonia Kritz
Vera Leão

Programação visual e produção gráfica
José Carlos Martins

Arte-final

Ana Luísa Mello de Araújo
Bernardino Trindade Netto
Flávia T. da Cunha Barreto
Leila Brasil Danziger

Ilustração

Leila Brasil Danziger
Paulo Mendo
Sílvio de Moura Dias

Fotografia

Arquivo Mobral

Composição

Emílio Galantini Filho
Fernando Aquino do Nascimento
Iracema Santos Rocha

Impressão e acabamento

Sector Gráfico do Departamento de
Comunicação da Fundação Mobral

Tiragem: 6.000 exemplares



Sumário

Independência	2
Editorial	3
Quem é o adulto analfabeto?	4
Conteúdo. Eis o ponto	6
O material nosso de cada dia	7
Participação	8
Meios e Métodos	10
Aprendizagem e Avaliação	12
Jogando Bingo	3ª capa

Quem é o adulto analfabeto?

Este artigo procura aproximar você
do aluno adulto com quem você tra-
balha.



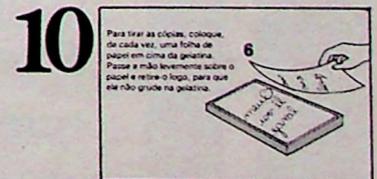
Participação

Pensando com você em como envol-
ver mais a comunidade nas ações
educativas.



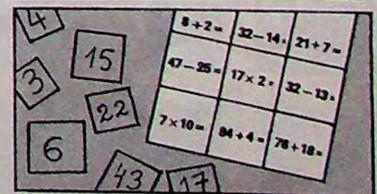
Meios e métodos

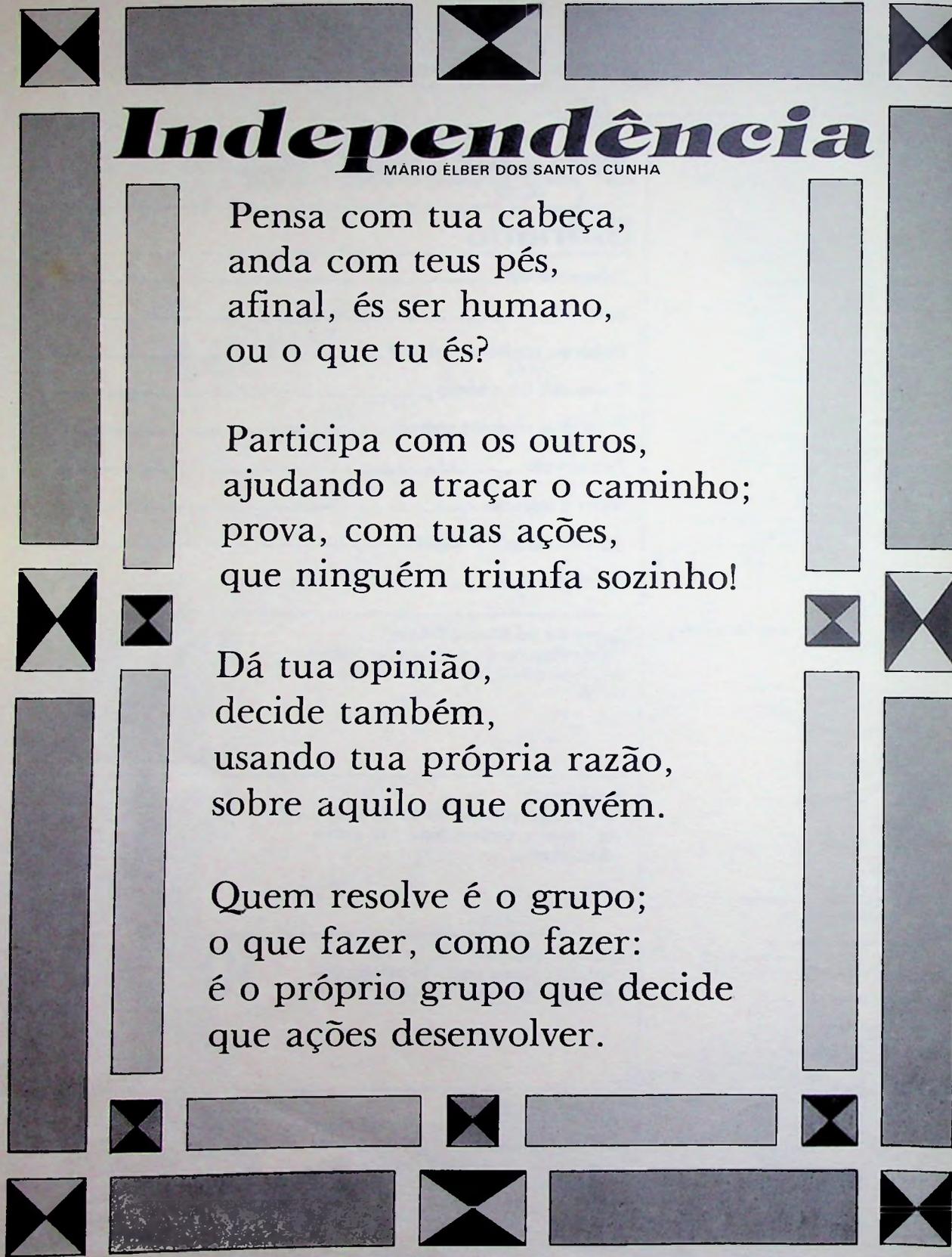
Apresenta uma sugestão prática pa-
ra auxiliá-lo em seu trabalho.



Jogando Bingo

Oferece uma sugestão de jogo didá-
tico que pode movimentar sua aula,
motivando seus alunos para o estu-
do da Matemática. 3ª capa





Independência

MÁRIO ÉLBER DOS SANTOS CUNHA

Pensa com tua cabeça,
anda com teus pés,
afinal, és ser humano,
ou o que tu és?

Participa com os outros,
ajudando a traçar o caminho;
prova, com tuas ações,
que ninguém triunfa sozinho!

Dá tua opinião,
decide também,
usando tua própria razão,
sobre aquilo que convém.

Quem resolve é o grupo;
o que fazer, como fazer:
é o próprio grupo que decide
que ações desenvolver.

Editorial

Agente,

Eis, finalmente, a nossa revista.

A revista pela qual lutamos.

Um instrumento a mais de ação e participação, neste tão importante trabalho educativo com os adolescentes e adultos de nosso país.

Uma conquista que é de todos nós e que veio para ficar. Traz em si a força de mãos que se dão, de consciências que se unem, de vozes que se levantam em torno de um objetivo comum: a educação de nossa gente.

A gente — técnicos, supervisores, alfabetizadores, professores e todos que trabalham nos projetos — é a razão de ser desta revista. Gente que a criou e que, certamente, vai procurar fazer com que ela cresça cada vez mais, dando idéias, enviando contribuições.

Pode-se enviar uma carta, falando de nosso trabalho de classe, das mil e uma histórias que a nossa prática educativa vem acumulando através do tempo; de uma situação ou acontecimento ocorrido em sala de aula que seja importante divulgar na revista; das atividades criadas durante o curso (por exemplo, jogos didáticos), das dúvidas e dificuldades enfrentadas. . .

Um artigo ou notícias sobre educação podem ser remetidos para a revista, procurando informar aos colegas de trabalho espalhados pelo Brasil, e levando-os a refletir sobre um assunto de interesse geral de todos nós, educadores.

E mais. Ocorreu algum evento ou iniciativa digna de destaque, no trabalho com nosso grupo? Certamente, comentando sobre este evento ou iniciativa, na revista, estaremos estimulando os outros a que façam o mesmo.

Mas, e aquele bom trabalho, feito por um

estudante mais esforçado? Não será bom apresentarmos na revista, para servir de exemplo aos demais grupos?

E não desejaremos mandar fotos, mostrando, por exemplo, o grupo em plena ação, um momento festivo? Na revista, sempre haverá espaço para ilustrações, fotografias, que, como sabemos, "valem por mil palavras"!

Ah, e um texto literário que achamos bom incluir na revista. Uma poesia que diz tanto, uma história de cordel tão cheia de sabor e saber popular!

As contribuições poderão ser dadas de muitas maneiras diferentes e serão aproveitadas nas diversas seções que a revista apresentará.

Como você vai observar, são seções que tratam dos mais diferentes assuntos, relacionados ao trabalho que realizamos todo dia.

Com tudo isso e muito mais, podemos enriquecer nossa revista, tornando-a cada vez mais útil para o nosso trabalho.

Pois a revista só tem razão de existir por causa da gente e para a gente. Gente que é o alfabetizador de um longínquo Município do Norte brasileiro, o professor de Educação Integrada de uma cidade na ponta sul de nosso país, o supervisor que se desdobra no Agreste nordestino. . .

Para a gente que faz do MOBREAL uma realidade, a revista será sempre um desafio a mais. E um estímulo para que se continue levando adiante um ideal de trabalho.

Agora, com esta revista, nossos sonhos, esperanças e realizações passam a circular, entre nós, em letra de imprensa.

Chega a vez de, também por escrito, termos voz.

Quem é o adulto analfabeto?

Quando nos perguntamos quem é o adulto analfabeto, em geral a idéia que se tem sobre ele é de alguém que tem dificuldades para raciocinar e aprender, que possui conhecimentos bastante limitados, que é inferior aos outros, que é cego para o mundo, etc.

Vamos pensar, então, sobre qual é a identidade do analfabeto na sociedade em que vivemos. No nosso dia-a-dia, convivemos com pessoas que sabem e que não sabem ler e escrever. Todas elas, no entanto, através do seu trabalho, desempenham uma atividade produtiva que exige raciocínio e conhecimento.

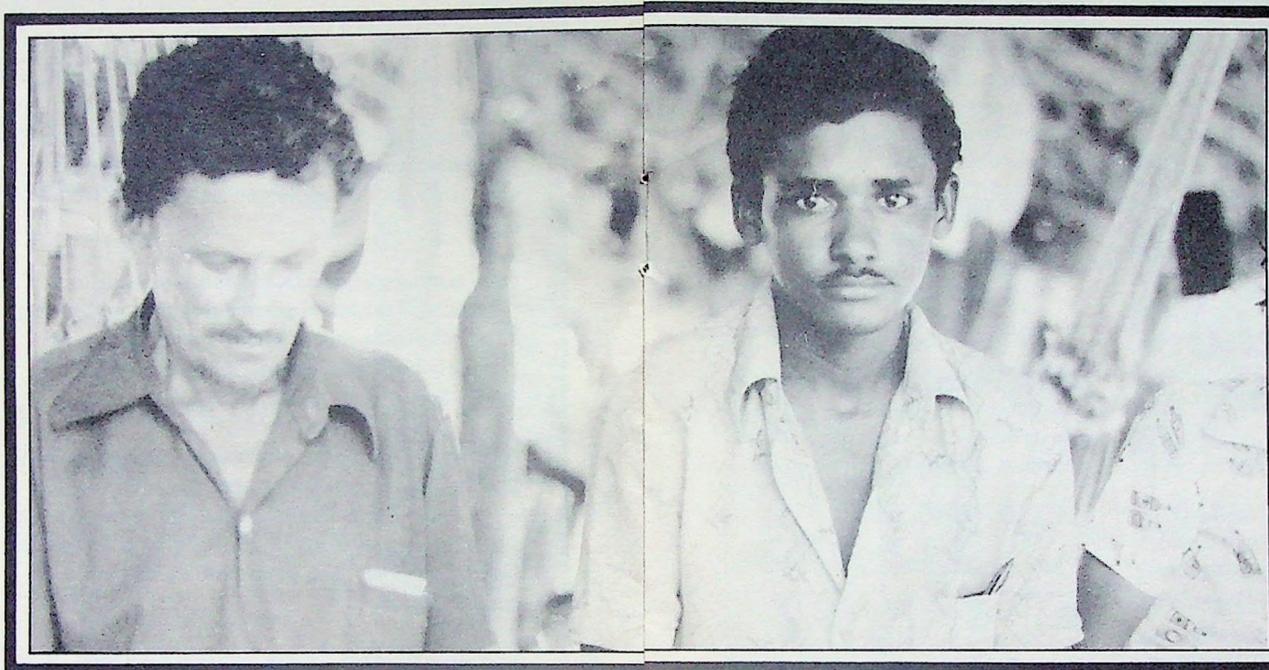
Um indivíduo, quando executa um trabalho, está sujeito a uma cobrança de responsabilidade, que é própria do adulto. Esse mesmo adulto, analfabeto e trabalhador, fora do trabalho muitas vezes é visto como alguém incapaz. Nesse momento, o seu papel como membro atuante da sociedade é esquecido.

O problema que pode surgir a partir dessa idéia sobre o adulto analfabeto faz com que se ignore que o seu desenvolvimento fundamental se faz pelo trabalho. O desenvolvimento do indivíduo não pára pelo fato de permanecer analfabeto. Isto quer dizer que a situação de ser analfabeto não impede o desenvolvimento de seu raciocínio e a utilização desse raciocínio como meio de sobrevivência.

O adulto analfabeto é considerado, com frequência, como uma criança que parou de se desenvolver. Ao admitirmos essa idéia, não estaríamos nem mesmo levando em conta a diferença de idades que existe entre o adulto e a criança, porque o adulto traz consigo muitas experiências acumuladas ao longo da vida. Será que essa visão sobre o analfabeto não estaria contribuindo para manter o preconceito social em relação ao analfabetismo?

Vejamos, então, quais são as conseqüências disso no processo educativo. Vamos ver o que acontece na sala de aula.

Quando o adulto analfabeto e o professor entram na sala de aula, ambos



trazem uma percepção de si e do outro, que vai influenciar diretamente na relação professor-aluno. O professor, geralmente, tem uma posição de superioridade na medida em que detém o conhecimento da leitura e da escrita. Como conseqüência, essa posição faz com que ele não considere as experiências e os conhecimentos dos alunos.

Essa posição de superioridade reflete a nossa sociedade, que criou um preconceito social em relação ao analfabeto.

A maioria das pessoas apresenta este preconceito e o analfabeto tem consciência disto.

Quando o alfabetizador entra em sala pensando dessa maneira não consegue estabelecer um diálogo com o grupo. No fundo, consciente ou não, este alfabetizador despreza seu grupo, não acredita no seu potencial e tem pouca esperança de que os alunos possam se alfabetizar. Através de suas atitudes, o grupo percebe o preconceito do alfabetizador, o que faz com que os alunos reforcem o conceito negativo que já possuem

deles próprios.

A partir daí tudo fica mais difícil. O analfabeto começa a se achar incapaz de ser alfabetizado, apresentando problemas que dificultam a sua aprendizagem. E o alfabetizador, por sua vez, reforça mais ainda o seu preconceito. E com isto vem o fracasso. A evasão é um sinal concreto do problema.

Vejamos agora quem é o adulto analfabeto. Como toda e qualquer pessoa, ele tem sua situação de vida definida na sociedade através do tipo de trabalho que executa. Embora esse adulto domine um conhecimento necessário para o trabalho que realiza, muitas vezes ele ignora a importância desse trabalho, não sabendo também porque seus direitos sociais são negados e nem quais são as causas de sua pobreza.

Portanto, o educador deve ver o aluno, levando em consideração os aspectos econômicos e sociais que envolvem este aluno. Assim, terá mais chances de fazer com que o domínio da leitura e da escrita seja um instrumento a mais, que

permitirá a ele ter uma visão mais ampla de si e do mundo que o cerca.

Saber ler e escrever, portanto, servirá ao indivíduo como uma possibilidade de maior participação social.

O que o adulto analfabeto precisa aprender? É evidente que o que ele precisa aprender não tem limites. Entretanto, é básico que domine os elementos da leitura, da escrita e da matemática não como um fim em si mesmo, mas como um ponto de partida para ampliar suas possibilidades de vir a saber mais.

Quando o indivíduo passa a saber ler e escrever, vai tendo maior acesso a informações que antes só chegavam ao mundo dos letrados.

Como conseqüência, sua interpretação da realidade poderá ir se modificando.

Qual seria, então, o ponto de partida dessa aprendizagem?

Em qualquer processo de ensino, o ponto de partida deve ser o conhecimento que o indivíduo já tem e não o que ele desconhece.

Isso porque a assimilação de novos conhecimentos só poderá acontecer na medida em que estes estejam, de alguma forma, relacionados com aquilo que o indivíduo já conhece.

Deste modo, a aprendizagem deve se iniciar a partir dos elementos que compõem a realidade do aluno — seu mundo de trabalho, suas relações sociais, suas crenças, valores, gírias, etc.

É evidente que, para iniciar o processo educativo, torna-se indispensável que o professor procure conhecer a realidade do aluno.

Quanto mais o professor se aproxima de seus alunos, mais os conhece.

Pode, assim, encontrar, com maior facilidade, as formas de atender a suas necessidades e despertar neles a vontade de instruir-se e de alfabetizar-se.

Alda Maria da Glória Lessa Bastos
Margarida de Souza Queiroz
Mária Clara Lanari Bó
Miguel Farah Neto
Solange Jobim e Souza

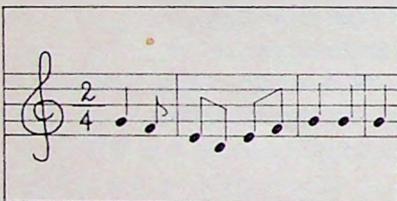
Quando vemos, tocamos, ouvimos ou sentimos alguma coisa, estamos percebendo a nós mesmos e ao mundo em nossa volta.

Ao contrário do que muitos pensam, o que uma pessoa percebe pode ser totalmente diferente do que percebe uma outra.

Além das características variadas que herdamos de nossos pais, a nossa experiência de vida vai determinar fortemente a nossa percepção. Um músico, por exemplo, por sua prática e estudo nesta área, pode perceber detalhes, ao escutar uma música, que a maioria das pessoas não perceberia. Você seria capaz de perceber o que faz a diferença entre folhas de duas árvores?

Alguns estudos mostram que as pessoas que crescem na cidade têm mais facilidade em reconhecer diferenças entre objetos na vertical, como por exemplo um poste torto e um reto. Já no campo, é mais fácil perceber o que está na horizontal. A nossa experiência, portanto, determina nossa maior ou menor dificuldade em perceber.

Mas isto não quer dizer que não podemos aprender a perceber.



Algumas pessoas perceberiam, no quadro acima, um monte de bolinhas e pauzinhos. Outras, já poderiam reconhecer uma pauta musical, e haveria até quem chegasse a dizer que se trata do início de "Atirei o pau no gato". Como isto se explica? A partir de conhecimento de música, alguém soube perceber a diferença entre as notas e também soube associar cada nota a um som. Ele percebe mais agudamente porque aquilo tem um significado para ele.

O mesmo acontece na leitura e escrita. Aprendemos a perceber a diferença entre um "b" e um "d" e a associá-los a sons diferentes. Vamos considerar o analfabeto: estes sinais, as letras, têm tanto significado para

**Conteúdo.
Eis o ponto.**

**Aprendendo
a perceber**

LIZZIE MURTINHO

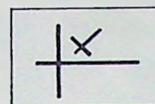
ele, quanto as notas para alguém que não lida com música. E o que é mais sério: as suas experiências anteriores não o ajudam a aprender a perceber.

Imagine um homem que trabalha no campo: ele está acostumado com um determinado tipo de ambiente, em geral com muito espaço, onde vê árvores, céu, montanhas. Ele sabe perceber o que muitos de nós não sabemos: a cor do céu que indica chuva, os sinais de que um animal está desta ou daquela maneira. Para ele, estar à direita ou à esquerda, em cima ou embaixo de uma linha não é tão importante. Mas acontece que se ele não aprende a perceber estes detalhes, ele não poderá diferenciar um "b" de um "d", "p" ou "q". É necessário que ele aprenda a "ver" os detalhes para poder diferenciar as letras e os números.

É preciso que ele aprenda a perceber, já que a percepção é muito exigida pela leitura.

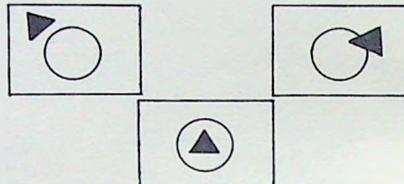
Você viu que a percepção deve ser desenvolvida e que isto é importante para qualquer aprendizado. Cabe a você auxiliar seu aluno. Aqui estão alguns exercícios que podem ajudar a desenvolver a percepção:

1 - Faça cartões com desenhos simples. Não use letras. Por exemplo:

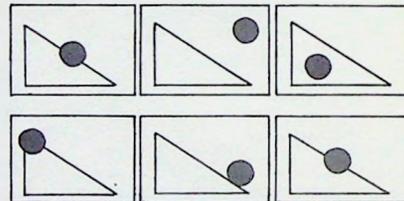


Mostre o cartão durante 1 minuto e peça que o aluno repita o desenho em seu caderno. Se ele errar, ajude-o a perceber o que errou.

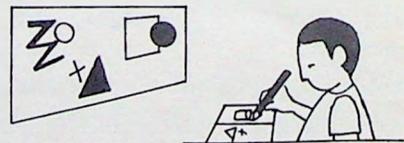
2 - Mostre diversos desenhos que tenham ligeiras diferenças. Converse sobre as diferenças.



3 - Faça a mesma coisa do exemplo 2, mas coloque 2 desenhos iguais. Peça que os alunos marquem quais são os desenhos iguais.



Faça alguns desenhos no quadro-de-giz e peça ao aluno para copiar no caderno. Ele também precisa perceber figuras que estão no plano vertical (quadro-de-giz) e representá-las no plano horizontal (caderno).



Assim ele terá mais facilidade em aprender a ler e escrever. Crie você mesmo outros exercícios e escreva para nós contando os resultados.

Quando seus alunos já puderem diferenciar os detalhes, converse com eles a respeito das palavras e sílabas que você está ensinando. O que faz com que a gente leia coisas quando vê "ta" e "te" ou "ta" e "ja". É assim que eles poderão compreender a razão destes sinais e melhor percebê-los.

Neste número da revista, começamos a conversar com você sobre algo que o acompanha diariamente em seu trabalho educativo: o material didático.

Você já terá parado para pensar sobre o que é *material didático* e na importância dele? Talvez não, justamente porque o esteja sempre utilizando.

E você já reparou em como estamos sempre lançando mão do material didático? Se é para transmitir conteúdos, conhecimentos, informações, lá está ele nas mãos dos participantes; na hora de realizar atividades, fazer exercícios, não é a ele que recorreremos?...

Mas, afinal, o que vem a ser o material didático? Naturalmente, pelas observações que estamos fazendo, e de acordo com

aquilo que sempre pensou, você irá responder que são os livros que fazem parte do curso. E terá razão, porque realmente o material didático é *também* constituído dos livros utilizados no processo de ensino-aprendizagem.

Mas será só isto?

Veja que, na ação educativa que desenvolvemos, não nos limitamos aos livros, manuais, folhetos que o Mobral oferece. Quantas vezes, por exemplo, nós e os outros participantes do curso não acabamos criando novos *textos*, frutos de nossas conversas e trabalhos escritos?

Você também não vive preparando exercícios, testes, provas e outras atividades adequadas aos objetivos do curso?

Certamente, como alfabetizador, professor ou monitor do Mobral, você deve desenvolver diversas atividades, utilizando os jornais da comunidade, revistas, outros livros didáticos ou não.

E, por acaso, você não aproveita cartazes, ilustrações, fotografias, desenhos, ou até mesmo não faz o grupo ter contato direto com aquilo que está sendo comentado ou discutido (como, por exemplo, trazendo plantas para uma aula de Ciências), para dar mais "vida" ao assunto em discussão?

Estes materiais todos são recursos que servem para

enriquecer o seu dia-a-dia na classe.

O que desejamos chamar atenção de você é para o fato de que o material didático não se resume àquilo que recebemos "pronto" para o nosso trabalho educativo.

Na verdade, *o material didático é algo que pode e deve ir sendo escolhido/construído, durante o curso, por você e pelos próprios participantes.*

Nesta seção, portanto, procuraremos, sempre, conversar com você sobre as inúmeras possibilidades de utilização do material didático, tanto em relação àquele que o Mobral coloca à disposição, como sobre os diversos materiais que podem ser usados no desenvolvimento das ações educativas.

Escreva, também, para nós, comentando sobre o seu trabalho com o material didático, sobre as experiências que você tem desenvolvido para construir e utilizar um material didático mais adequado à realidade em que você atua. Fale sobre as dificuldades que você vem encontrando em relação ao material didático, e o que tem pensado e realizado, para resolvê-las.

Lembre-se: este é mais um espaço que você tem, para trocar idéias com os milhares de agentes do Mobral que se espalham pelo Brasil. Seu problema pode ser o problema de muitos. Suas experiências e sugestões certamente serão úteis para inúmeros companheiros.

Aguardamos sua carta.

Participação participação participação

Vamos pensar um pouquinho sobre o que *participação* representa para nós? Se fizermos esta pergunta a várias pessoas, receberemos diferentes respostas.

Algumas poderão dizer que participar é ajudar, é cooperar; para outras, participar é dar opinião, ser ouvido e poder discutir as idéias que têm. Alguém poderá completar que participar significa conhecer, analisar e discutir determinada situação, para depois tomar as atitudes ou providências consideradas melhores por um grupo, em benefício de sua comunidade.

E para você, amigo agente, que luta em seu dia-a-dia com tantas dificuldades para desenvolver o seu trabalho, o que significa participação?

Poderemos descobrir juntos que, para alguém participar de alguma atividade, em primeiro lugar deverá se interessar e acreditar nela. Também é muito importante que as opiniões dessa pessoa sejam ouvidas e respeitadas. É claro que, num grupo, nem todos poderão concordar sempre. É natural que as pessoas pensem de forma diversa, pois cada uma delas possui idéias, necessidades, interesses e experiências diferentes daquelas sentidas ou vividas pelas outras pessoas. No entanto, para melhorar o nosso trabalho e nossa vida, torna-se necessário que as pessoas exercitem a participação.

E por que é importante estimular a participação?

Todos vivemos em sociedade, seja num distrito, vila, cidade grande ou pequena. É preciso que as pessoas se unam e se organizem, para participar. Que as pessoas não aceitem simplesmente o que acontece ao seu redor, mas procurem as causas e as conseqüências desses acontecimentos. Isso para que cheguem a ter uma opinião própria sobre cada assunto, para que dêem



sua opinião nos grupos e participem das ações que forem decididas.

Assim, somente unidos em torno de um mesmo ideal ou problema a solucionar, os membros de uma comunidade poderão encontrar meios, caminhos de melhorar o que está acontecendo ao seu redor. Com o passar do tempo e a continuidade na reunião de um grupo, você poderá comprovar que o nível de participação está se fortalecendo. E com isto, o grupo envolvido em determinada tarefa está se tornando cada dia mais unido, sentindo-se mais seguro para tomar decisões que sejam mais importantes e que beneficiem outras pessoas.

Surge agora um novo problema: como mobilizar a clientela do Mobral e a comunidade em geral para participar das atividades desenvolvidas pelos diversos Projetos?

Antes de responder a esta pergunta, precisamos fazer algumas indagações, ou seja: em sua comunidade, todo mundo sabe o que é o Mobral, que elementos fazem parte da Comissão Municipal, quem é o supervisor de área, quem são os agentes dos diversos Projetos? Enfim, quais as atividades que estão sendo desenvolvidas, os objetivos delas, os resultados que já foram alcançados e as dificuldades que estão sendo enfrentadas?

E você, amigo, conhece seus colegas — os outros agentes — que trabalham pelo Mobral? Quantas vezes você já se reuniu com o supervisor de área ou com elementos da COMUN para trocar experiências, esclarecer dúvidas, pensar de que forma poderiam trabalhar em conjunto para facilitar e melhorar as atividades que todos desenvolvem?

É fundamental que os agentes envolvidos nos Projetos e ações estejam a par do que está ocorrendo pois, somente assim, poderão informar a comunidade e incentivá-la a participar.

Se os agentes estão trabalhando integralmente e contatando pessoas ou entidades, por que é importante a participação da comunidade, como um todo, nos Projetos do Mobral?

Com a colaboração de um número cada vez maior de pessoas, os agentes irão, sem dúvida, enriquecer seu trabalho. Poderão obter idéias, informações e ajuda que reforcem o seu planejamento e, conseqüentemente, a realização das atividades. Poderão até conseguir voluntários que se prontifiquem a organizar ou continuar alguma atividade. É importante procurar o apoio da população. Mas, como conseguir isto?

Você que conhece bem a sua comunidade, sabe onde e em que momento as pessoas costumam se reunir. É após a missa? É na praça? Ou naquele conhecido barzinho?

Conversando com os grupos de pessoas que freqüentam esses locais ou procurando-as em suas próprias casas, pode-se divulgar o que está acontecendo, convidando-as para comparecerem às reuniões. O supervisor de área e a COMUN também poderão ajudá-lo a contatar os grupos e a planejar as reuniões.



O importante é que as pessoas se reúnam para discutir, em torno de um objetivo comum; tomem conhecimento do que o Mobral está fazendo, dos resultados e dificuldades existentes.

Também, do quanto cada um deles, unindo-se a outros, poderá fazer para ajudar o seu trabalho, agente; ajudar os alunos, a si mesmo e, conseqüentemente, a comunidade.

Ninguém gosta de reuniões maçantes, aborrecidas, em que só uma pessoa fala. Fique atento para que todos aqueles que queiram falar tenham tempo e vez para fazê-lo.

Podemos dar uma sugestão para você: por que não levar um sanfoneiro, um violão, poeta, conjunto vocal, grupo teatral ou de fantoches para alegrar estas reuniões?

Dessa forma, tais reuniões não significarão apenas um desfilar de problemas a serem solucionados, mas possibilitarão um momento de confraternização, de risos, de troca de idéias.

Depois que todo mundo estiver à vontade, poderá ser apresentado o assunto a ser debatido, solicitando-se que todos contribuam com suas idéias.

Você poderá propor aos presentes que se dividam em 3 ou 4 grupos, para pensar juntos, e depois de um tempo combinado, apresentarem sugestões.

Neste momento, você poderá aproveitar as idéias dadas pelos que demonstraram desejo de colaborar, para formar um grupo de voluntários, deixando bem claro quem deverá fazer o quê, quando e em que ocasião voltarão a se reunir. Se for possível, anote no quadro-de-giz, ou folha de papel, a sugestão que cada pessoa está dando.

Sua posição, agente, deverá ser a de um amigo, sempre disposto a prestar esclarecimentos.

Se a participação começar a ser exercitada agora, seja dentro de uma classe de educação de adultos, seja numa classe de crianças em idade pré-escolar, um dia, num futuro próximo, pessoas que antes desconheciam ou até mesmo não acreditavam nesse trabalho, poderão estar participando de alguma dessas atividades. E sugerindo outras, que sejam úteis para a comunidade.

É por isto, agente, que seu papel é tão importante. Você também precisa acreditar, para que a participação, hoje ainda isolada de algumas pessoas, possa ir se ampliando, até se transformar na participação de grupos, que envolvam continuamente o maior número possível de elementos da comunidade.

E assim, aos poucos, vão se formando e encaixando os elos da corrente da participação.

Você não desejaria ser o elo inicial?

ANNA MARIA GONÇALVES WEIGEL

Tornando a aula mais atrativa

O material de apoio é sempre um meio necessário para o desenvolvimento de um bom trabalho na classe, ou até mesmo para a realização de algumas atividades em casa.

Comprar sai caro e, por isso, vamos mostrar como você mesmo faz um mimeógrafo, que serve para tirar várias cópias de páginas escritas ou desenhadas.

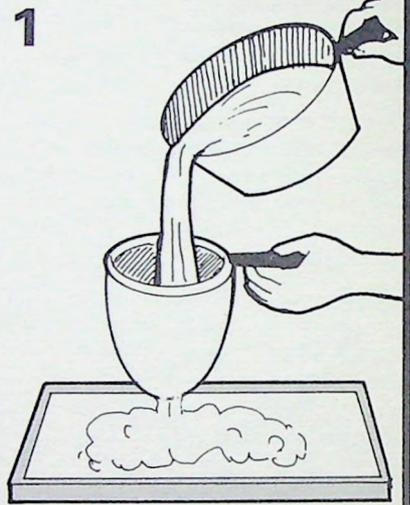
Convide alguns alunos para ajudarem na procura e na confecção do material. Depois, mãos à obra!

Veja, agora, do que você vai precisar:

- vasilhas para banho-maria
- coador de pano
- colher de pau
- copo
- tabuleiro (de qualquer material)
- gelatina branca em folhas
- glicerina
- esponja ou pano bem macio
- papel hectográfico (é um tipo de carbono usado para mimeógrafos. Ele tem 3 folhas: uma com tinta — o carbono; uma brilhante — a matriz; e uma fina — que serve para separar as outras duas, de modo que o carbono não suje a folha brilhante)
- folhas de papel branco, para tirar as cópias.

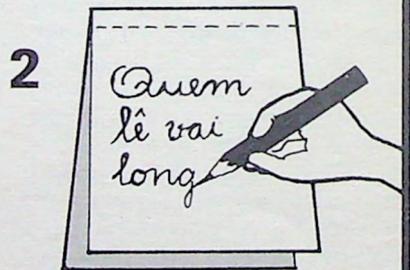
Como fazer o mimeógrafo:

Misture, em uma vasilha, 1 copo de glicerina com 1 copo e meio de água. Parta 16 folhas de gelatina branca em pedaços e junte à mistura. Leve-a para cozinhar em banho-maria. Mexa sem parar até que a gelatina se dissolva completamente. Com a gelatina ainda quente, coe-a em um tabuleiro de tamanho um pouco maior que o da folha de papel que você vai usar para tirar as cópias. A mistura deve ficar bem distribuída no tabuleiro.

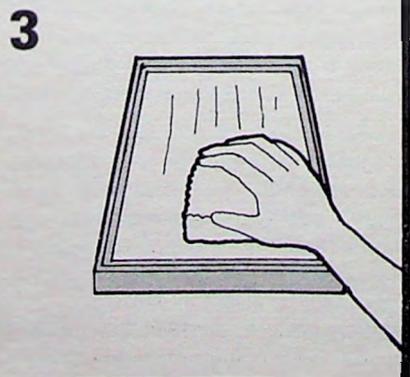


Enquanto você espera que a gelatina endureça, vá preparando a matriz.

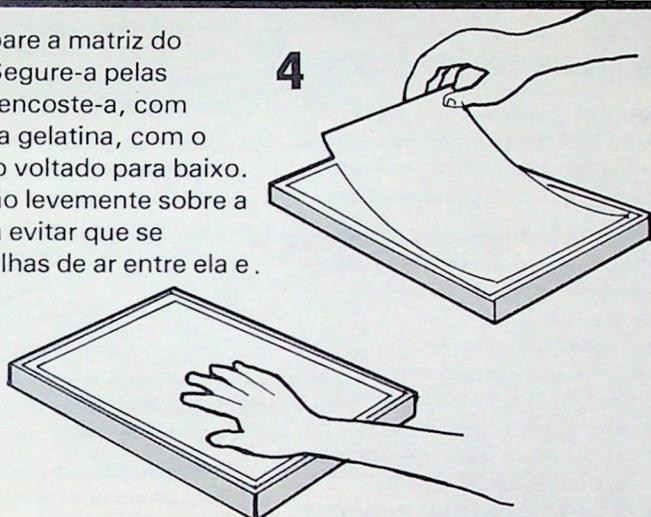
Pegue o papel hectográfico, tire a folha fina que fica entre o carbono e a matriz e escreva ou desenhe *no verso do carbono*, pelo lado onde não há tinta.



Escreva com cuidado e bastante força, para que todas as palavras possam ser lidas claramente. Depois de verificar se a gelatina já está completamente endurecida no tabuleiro, passe a esponja ou o pano úmido sobre sua superfície. Não umedeça demais a esponja, para não provocar, depois, borrões nas cópias.



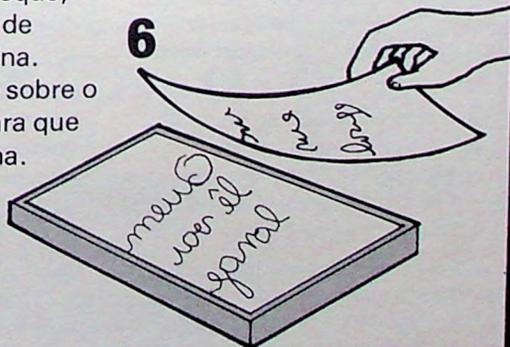
Agora, separe a matriz do carbono. Segure-a pelas beiradas e encoste-a, com cuidado, na gelatina, com o lado escrito voltado para baixo. Passe a mão levemente sobre a matriz para evitar que se formem bolhas de ar entre ela e a gelatina.



Espera mais ou menos 3 minutos e retire a matriz cuidadosamente. A gelatina ficará gravada com o que estiver escrito na matriz. As palavras ficarão ao contrário.



Para tirar as cópias, coloque, de cada vez, uma folha de papel em cima da gelatina. Passe a mão levemente sobre o papel e retire-o logo, para que ele não grude na gelatina.



De cada vez, você poderá tirar cerca de 60 cópias. Caso precise de mais, você poderá tornar a utilizar a matriz. Para isto, deixe a gelatina descansar por uma noite e no dia seguinte ela estará pronta para ser usada de novo, mesmo com outras matrizes.

Depois de vários usos, se você quiser aproveitar essa gelatina mais ainda, basta retirá-la do tabuleiro e derretê-la em banho-maria.

Com este mimeógrafo, você vai tirar cópias de exercícios, notícias de interesse geral, pequenos cartazes, convites para festas, etc. Então, vamos ao trabalho! E depois escreva-nos, contando do seu sucesso ao utilizar esses materiais e mandando também suas sugestões e experiências sobre meios e métodos que você usa para motivar os alunos e enriquecer suas aulas.

Adaptado da Coleção
Cada Cabeça é um
Mundo — vol. 1 — Sua
aula, sua palma

Aprendizagem e Avaliação

JOSMAR BRAGA MARTHA E SONIA KRITZ

O que a gente nasce sabendo é pouco, muito pouco mesmo. Mas a partir do nascimento, a própria vida se encarrega de ir ensinando, por meio de acertos e erros, tudo o que é indispensável para se continuar vivendo: a gente aprende que precisa continuar aprendendo sempre.

É claro que há muita gente ajudando desde este início: primeiramente a mãe do recém-nascido; depois, toda e qualquer pessoa que esteja no lugar dela ou colaborando com ela. Sozinho, o homem, esse animal tão frágil e indefeso quando nasce, não é capaz de viver.

A nossa história começa assim — e é assim que continua.

A história do homem, da vida do homem, é uma permanente aprendizagem (“a gente morre aprendendo”, diz o povo), e uma história nunca se escreve sozinho.

Já se sabe que aprender é muito mais que gravar na memória e ser capaz de repetir.

A aprendizagem é um processo, uma coisa que começa e continua, uma coisa viva, que se desenvolve e sempre se parece com a pessoa que está aprendendo.

Ao longo da vida, vamos modificando nosso jeito, nossas atitudes, nosso modo de ver a própria vida, porque as experiências vão-se tornando parte de nós mesmos. Devagarinho, mas sem parar nunca, vamos assumindo tudo que vivemos, assimilando muitas vezes quase sem o notar.

Às vezes acontecem grandes

emoções — alegrias ou tristezas — mas é sobretudo de pequenos fatos, de pequenos pontos, como numa costura, que se faz o nosso saber.

A aprendizagem escolar não é muito diferente. Ela pode ser comparada com a alimentação: pequenos bocados são oferecidos repetidamente ao aluno que, mesmo sem o perceber, seleciona o que lhe parece mais atraente ou saudável, saboreando-o, engolindo-o, fazendo-o seu. Assim, nada do que se aprende se perde, tudo se transforma e é adquirido lentamente. Semelhantemente ao que acontece com a comida, há uma assimilação.

É preciso notar e anotar a diferença: o aluno é sujeito do verbo aprender e não objeto do verbo ensinar. Ele não é um ser passivo, uma folha em branco, um simples carente a quem se quisesse atender.

Por estas razões, é sempre mais fácil a aprendizagem quando o relacionamento entre o aluno e o professor é feito de amizade e respeito, de ambas as partes, em que se levam em conta os problemas e desejos desse aluno, principalmente se ele já não é criança.

Então a aprendizagem vai chegando ao seu objetivo, formando uma pessoa que pensa, raciocina, desenvolve sua capacidade de criticar o seu mundo e tentar fazê-lo melhor.

A aprendizagem é um crescimento, e esse crescimento, já sabemos, não pode ser feito sozinho. Por isso o diálogo, a troca de idéias e de experiências de vida é indispensável

para que esse processo caminhe mais depressa e seja mais profundo.

Somos todos responsáveis e é necessária a participação de todos em todas as etapas, desde o planejamento até a avaliação final.

E aqui chegamos ao outro elemento do nosso título: a avaliação.

Avaliar é procurar saber se está havendo, de fato, aprendizagem.

Em outras palavras: é como se parássemos, de vez em quando, durante uma viagem pelo mar para verificar se o navio está indo na direção que queremos, levando-nos aonde pretendemos chegar.

É muito importante, portanto, que a avaliação não seja vista só como uma balança, no final do curso, para pesar os conhecimentos e resolver se o aluno será aprovado ou reprovado.

Avaliação é muito mais: é um instrumento para ser usado durante todo o tempo porque assim irá fornecendo informações indispensáveis ao aperfeiçoamento da relação ensino-aprendizagem.

Qualquer instrumento só será útil na medida em que funcione. E só funciona se bem construído, bem conservado e utilizado corretamente.

Com a avaliação também é assim.

Antes de mais nada é preciso determinar o que se pretende avaliar e, então, escolher o instrumental adequado (quem não sabe o que procura, quando acha não sabe que encontrou...).

Também é necessário prepará-la ao invés de improvisar de repente; dar continuidade à aplicação e não deixar que aconteça só quando lembrar dela.

Por último — mas não menos importante — é indispensável a participação do aluno, que ele tenha oportunidade de medir sua própria aprendizagem, de se auto-avaliar.

Teremos oportunidade, nos próximos números, de voltar ao assunto. Este foi apenas um começo de conversa. Afinal, a avaliação não tem apenas uma importância imensa: tem também suas regras, suas técnicas, e vai valer a pena conhecê-la melhor.

Jogando Bingo

Maria Leonor de Macedo Soares Leal, Sonia Kritz e Vera Leão

Objetivo

O jogo de bingo, aqui sugerido, além de favorecer o desenvolvimento do espírito participativo e a atenção dos alunos, contribui para a fixação das operações fundamentais.

Nº de participantes

Não há limite estabelecido. Todos os alunos da sala poderão participar do jogo.

Como montar o jogo

• Recorte, em cartolina ou em outro papel resistente, tantos cartões quanto forem os seus alunos. Você pode fazer os cartões quadrados, com 15 centímetros de lado, aproximadamente. Depois, divida cada um deles em nove partes iguais, escrevendo uma operação em cada uma destas partes, como aparece no exemplo:

$8 \div 2 =$	$32 - 14 =$	$21 + 7 =$
$47 - 25 =$	$17 \times 2 =$	$32 - 13 =$
$7 \times 10 =$	$84 \div 4 =$	$76 + 18 =$

Lembre-se de que as operações deverão corresponder ao conteúdo que está sendo estudado pela classe, no momento.

• Recorte, também em cartolina, pequenos cartões quadrados, medindo 2 centímetros de lado, aproximadamente. Coloque, em cada um destes pequenos cartões, o resultado das

operações que aparecem nos cartões maiores. Assim, para o cartão apresentado como exemplo, os pequenos cartões de resposta são:

4	18	28
22	34	19
70	21	94

Na confecção do jogo, poderá acontecer que um mesmo resultado sirva a mais de uma operação. Neste caso, você só precisará fazer um único cartãozinho com o resultado.

Como jogar

• Coloque os pequenos cartões de resultados dentro de um saco ou de uma caixa ou, ainda, de uma lata.

• Dê um cartão grande (o das operações) para cada aluno.

Dê tempo para que eles resolvam as operações em seu caderno ou numa folha de papel.

• Em seguida, pausadamente, vá sorteando, um a um, os cartões com as respostas. Leia, alto e de forma bem clara, cada número sorteado, para que os alunos possam escutar.

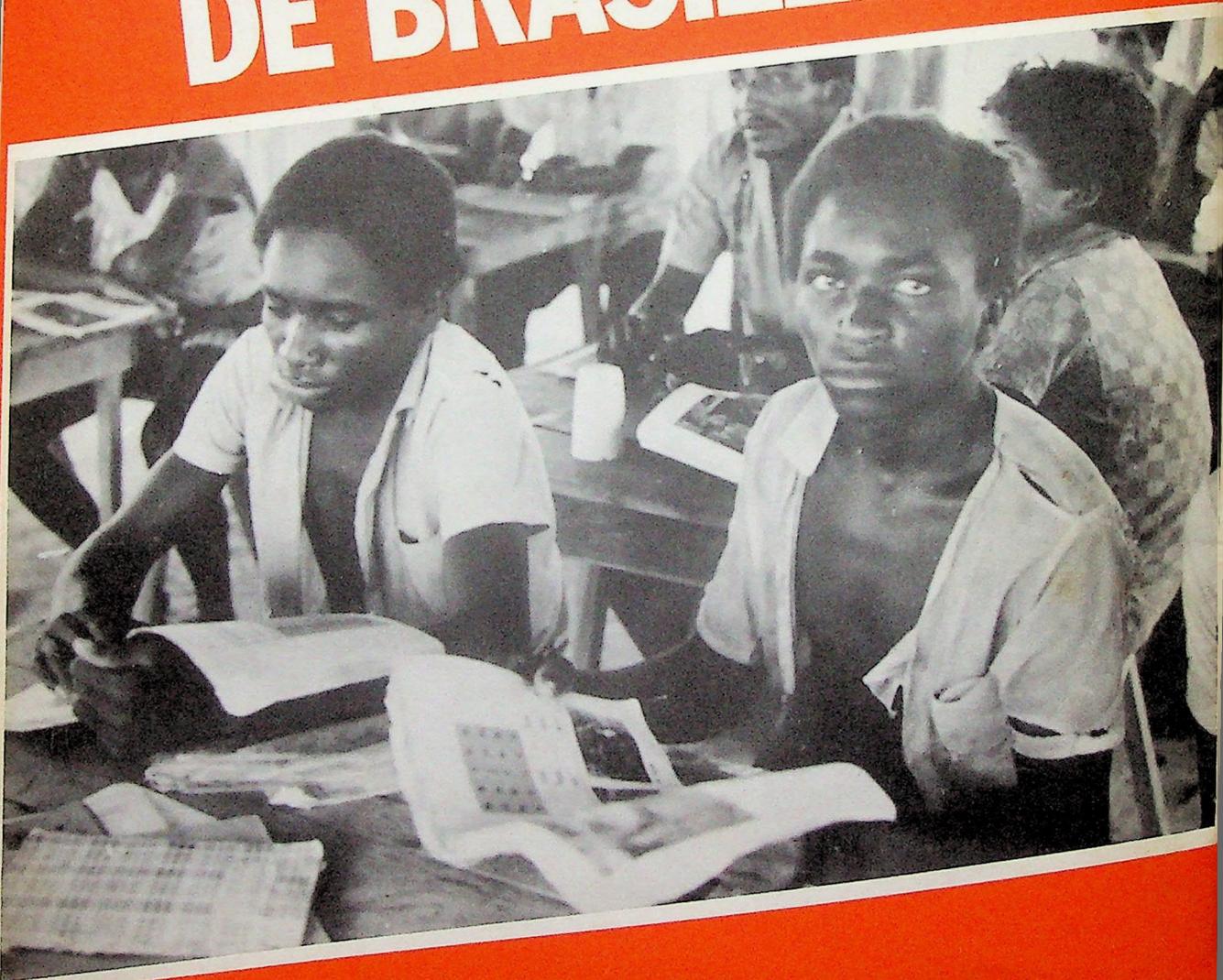
• O aluno que tiver em seu cartão alguma operação cujo resultado seja o número sorteado, deverá colocar, no lugar desta operação, uma pedrinha, concha, chapinha ou qualquer objeto pequeno.

Quem primeiro completar todo o cartão, isto é, quem tiver marcado todas as operações, deverá gritar: BINGO! Este será o vencedor da partida. Ao terminar o jogo, você deverá conferir, com os alunos, os resultados das operações de todos os cartões do bingo.

Variação

Você poderá criar inúmeras variações para este jogo, bastando alterar o conteúdo dos cartões. Em lugar das operações, você poderá colocar, por exemplo, questões de Comunicação e Expressão, perguntas sobre Estudos Sociais, problemas de Matemática, etc. Divirtam-se!

UM SERVIÇO PRESTADO A MILHÕES DE BRASILEIROS



Uma idéia que desafiava consciências e que se tornou realidade.

Um programa de massa de ensino não-formal para favorecer a população de baixa renda, premiado cinco vezes internacionalmente.

Um trabalho conjunto com as comunidades carentes.